

O movimento Pro-Am e a prática da colaboração nos meios informativos: especificidades do jornalismo colaborativo em redes digitais¹

The movement Pro-Am and practice of collaboration in the media information:
specifics of collaborative journalism on digital networks

Vivian de Carvalho Belochio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ramiro Barcelos 2705, Porto Alegre, RS, Brasil.
vicabel@terra.com.br

Resumo. O presente artigo reflete sobre a característica da colaboração como uma particularidade inerente ao modelo conhecido como jornalismo participativo. Parte-se da premissa de que o termo participativo é limitado para a designação da prática. Outro ponto desenvolvido é a possibilidade do Pro-Am no jornalismo colaborativo como um movimento que complexifica as trocas entre jornalistas e amadores nos jornais digitais, superando as perspectivas de um processo de participação comum. Os pontos observados no trabalho indicam que o jornalismo colaborativo em redes digitais é uma modalidade comunicativa que possui peculiaridades marcadas pelo seu formato e pela complexidade das trocas que possibilita entre jornalistas e amadores. A colaboração é efetivamente um dos aspectos que diferenciam os seus sistemas no ciberespaço. Igualmente, outra característica que o distingue é a produção ubíqua, que ocorre a partir da ampla utilização dos computadores coletivos móveis em ambientes de conexão sem fio.

Palavras-chave: jornalismo participativo, jornalismo colaborativo, jornalismo digital, Pro-Am.

Abstract. This paper reflects on the collaboration as a characteristic feature inherent to the model known as participatory journalism. It starts with the premise that the term participation is limited to the description of the practice. Another point developed is the ability of the Pro-Am in collaborative journalism as a movement complexifies exchanges between journalists and amateurs in digital newspapers, surpassing the prospects of a process of joint participation. Observed points in the study indicate that collaborative journalism on digital networks is a communicative modality that has marked peculiarities due to its shape and complexity of trade between that enables journalists and amateurs. Collaboration is indeed one of the aspects that differentiate their systems in cyberspace. Also, another characteristic that distinguishes the production is ubiquitous, occurring from the widespread use of computers in collective mobile wireless environments.

Key words: citizen journalism, collaborative journalism, digital journalism, Pro-Am.

¹ Artigo científico apresentado ao eixo temático "Jornalismo e novas formas de produção da informação", do III Simpósio Nacional da ABCiber.

Introdução

Destacamos em artigo anterior que a variedade de manifestações dos amadores nas redes digitais, em modalidades comunicativas que vão desde os *blogs* individuais até as páginas colaborativas, forma uma cauda longa da informação² (Anderson, 2006; Belochio, 2009). A produção ao estilo Pro-Am, que, segundo Anderson (2006), privilegia a parceria entre profissionais e amadores, acontece nesse contexto, tendo como base a contribuição dos cidadãos. O Pro-Am também pode estar acontecendo no jornalismo, a partir do aproveitamento que as mídias de referência³ fazem dos conteúdos amadores disponíveis na *Web*. A implantação de seções colaborativas no interior dos jornais digitais é outra marca de que os meios tradicionais estão se apropriando dos conteúdos e dos modelos colaborativos.

Neste trabalho, partimos do pressuposto de que a dinâmica característica do Pro-Am indica um movimento complexo de trocas entre jornalistas e amadores, que ultrapassa as perspectivas de um processo de participação comum. Com base nesse entendimento, acredita-se que a característica da colaboração pode ser mais adequada para a especificação do modelo conhecido como jornalismo participativo. Considera-se a premissa de que o termo participativo é limitado para a designação da prática. Os próximos parágrafos são dedicados à

discussão da questão, com base em exemplos de Zero Hora.com e do *site* Wikinotícias.

Movimento Pro-Am como marca dos sistemas colaborativos

O desenvolvimento de diferentes modalidades comunicacionais nas redes digitais tornou-se fator comum, a partir das facilidades proporcionadas pelas tecnologias da informação e comunicação (TICs). A abertura dos pólos de emissão, que permite, conforme Lemos (2007, p. 9), “a emergência de formas comunicacionais horizontais e multipolares como *blogs*, *podcasts*, redes P2P, *softwares* livres”, entre outras, facilita a manifestação das instituições e do público no ciberespaço. Igualmente, as amplas possibilidades de armazenamento e distribuição de informações transformam as redes num grande mercado virtual.

Assim, iniciativas isoladas, que partem de um computador pessoal, por exemplo, adquirem visibilidade e atendem a certa demanda. Os próprios interagentes⁵ são a vitrine do circuito de trocas formado nas redes. Conforme Anderson (2006), a partir desse ponto forma-se um sistema colaborativo denominado “Pro-Am”. Citando experiências da astronomia realizadas com o auxílio de voluntários, ele define o movimento como o sistema “em que profissionais e amadores trabalham lado a

² Para entender melhor como se forma a cauda longa da informação, é pertinente observar a sua estrutura no circuito informativo digital. Seguindo o conceito de Anderson (2006), no topo da curva da demanda ficam os chamados hits, ou seja, os produtos mais consumidos, preferidos pela maioria do público. No modelo da cauda longa da informação, esse seria o caso das mídias de referência, que conquistaram credibilidade no decorrer da sua história, tais como jornais, emissoras de TV e rádio e outras marcas mais conhecidas e também atuantes fora do universo digital. Na cauda, conforme descreve o autor, encontram-se os nichos, aqui entendidos como as variadas mídias que atendem demandas específicas e até personalizadas do público, podendo ter ligação direta com organizações e indivíduos específicos e mantendo o seu foco em assuntos determinados. Ai estão incluídos os meios informativos sustentados por amadores, que não possuem ligação direta com as mídias de referência. Nesse contexto estão os sistemas conhecidos como jornalismo colaborativo. Eles coexistem com a mídia tradicional, isto é, convivem com os hits num mesmo espaço. Assim, a variedade de iniciativas que atende aos nichos constitui certa concorrência com os hits (Belochio, 2009, p. 39).

³ De acordo com Berger (1996, p. 1), “o jornal de referência pretende testemunhar o mundo, produzindo um discurso universal e objetivável”. Ele é vinculado à chamada imprensa tradicional. Neste trabalho, utilizamos o termo mídias de referência seguindo a linha de pensamento da autora.

⁴ Blogs são páginas que permitem a publicação dos chamados posts – textos curtos – em ordem cronológica inversa. São criados e organizados pelos próprios interagentes, que podem utilizá-los como diários pessoais ou para a divulgação de informações. Também podem ser coletivos. Os podcasts, conhecidos como podcastings, são arquivos de áudio disponíveis para download na Internet. Por meio deles, os interagentes organizam seleções musicais ou falam sobre os mais variados assuntos, como pode ser feito blogs. A maior vantagem dos podcasts é a liberação dos ouvintes da grade de programação. Os arquivos, baixados em computadores ou tocadores portáteis, podem ser ouvidos a qualquer hora. Redes peer to peer (P2P) são sistemas de comunicação que permitem a otimização de redes, ou seja, a troca de arquivos entre interagentes de maneira multilinear. Assim, um internauta pode baixar um arquivo de música, por exemplo, em formato mp3, recebendo seus dados binários de vários computadores, não diretamente de uma fonte. Softwares livres são aqueles disponíveis à utilização de qualquer um que deseje usá-lo, copiá-lo, e distribuí-lo, seja na sua forma original ou com modificações, seja gratuitamente ou com custo. A possibilidade de modificações implica em que o código fonte esteja disponível. Brambilla (2005) chama esse modelo, no jornalismo, de open source.

⁵ Conforme Primo (2007), “receptor, usuário, utilizador e novo espectador são termos infelizes no estudo da interação, pois deixam subentendido que essas figuras estão à mercê de alguém hierarquicamente superior, que é quem pode tomar de fato as decisões” (2007, p.149). Por essa razão, o termo interagente é utilizado, subentendendo a ação do internauta no processo interativo.

lado” (Anderson, 2006, p. 58). Logo, o Pro-Am significa a execução de tarefas que antes eram restritas a pessoas reconhecidamente capacitadas, com o apoio do público leigo disposto a se engajar.

Acredita-se que o fenômeno dos Pro-Ams também está ocorrendo no jornalismo digital. Os sistemas colaborativos nas redes colocam jornalistas e leitores em parceria. Como afirma Gillmor, “na nova era das comunicações digitais, com múltiplas direções, o público pode tornar-se parte integral do processo – e começa a tornar-se evidente que *tem de o ser*” (Gillmor, 2005, p. 118). O jornalismo colaborativo e suas configurações no ciberespaço, em formatos de *blogs*, *sites* como *Wikipedia*, *Wikinews* e *OhmyNews*, além de outros canais abertos por jornais digitais da grande mídia, evidenciam a incorporação da era Pro-Am nos sistemas informativos digitais. Träsel faz uma reflexão que pode ser relacionada ao fenômeno:

Escritores amadores não são mais obrigados a deixar seus manuscritos em gavetas, músicos iniciantes não precisam mais distribuir fitas cassete pelo correio ou fazer pequenas apresentações para amigos, fotógrafos e pintores iniciantes não estão mais circunscritos às galerias. E jornalistas amadores hoje podem distribuir suas reportagens, análises e comentários em texto, áudio ou vídeo de forma barata e eficaz, quando antes eram obrigados a submeter seus produtos à avaliação de um editor para publicação como colaboradores, ou então gastar seu próprio tempo e dinheiro na produção e edição de fanzines em fotocópia, ou mesmo se arriscar na criação de uma rádio ou emissora de TV piratas. Sob a pressão desta onda de publicação amadora, o jornalismo está sendo obrigado a rever seus conceitos, valores e estratégias comerciais. Ainda mais importante, está sendo obrigado a rever seu papel em uma sociedade democrática (Träsel, 2007, p. 15).

A utilização que as mídias de referência fazem dos conteúdos colaborativos potencializam o Pro-Am nos meios jornalísticos tradicionais. Adaptando os sistemas de participação à lógica interna dos veículos informativos, é estabelecida uma dinâmica de trocas entre profissionais e amadores, abertamente regulada e delimitada pelos jornais digitais. O Pro-Am, nesse sentido, é marcado por um movimento colaborativo na produção de notícias, envolvendo a ação de interagentes na constituição e no encaminhamento de conteúdos e a atuação dos jornalistas na adequação dos mesmos às lógicas dos meios noticiosos.

Participação e colaboração no jornalismo digital

Com base no exposto, percebe-se que o Pro-Am é marcado por processos que têm como aspecto central a colaboração. Compreende-se que, no jornalismo, tal característica representa a complexificação da interação dos jornalistas com os leitores, visto que a possibilidade de trocas entre ambos é ampliada na ambiência digital. O presente tópico discorre sobre a questão, destacando a colaboração como um fator inerente à prática conhecida como jornalismo participativo, que tem potencial para possibilitar o Pro-Am.

Segundo Träsel (2007, p. 6), o jornalismo participativo assume “papel complementar ao jornalismo profissional”. Sendo assim, mesmo nos casos em que é constituído inteiramente por amadores, forma composições que coexistem com o território jornalístico. Elas não eliminam ou superam a sua importância e as suas fronteiras, mas podem modificá-las. Nos sistemas colaborativos se desenvolve um trabalho em comum entre os interagentes, que atuam juntos para dar sentido a um todo. Assim, ocorre a mobilização da coletividade, que se mantém apoiada no auxílio mútuo. Primo e Träsel definem o jornalismo digital participativo como

[...] práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na web, onde a fronteira entre produção e leitura não pode ser claramente demarcada ou não existe (Primo e Träsel, 2006, p.10).

Fica clara, no tipo de produção informativa indicada pelo pesquisador, a conexão com a intervenção do público e a sua ligação com a colaboração e com a cooperação dos internautas. O princípio do processo interativo, que considera, conforme Primo (2007), a construção de uma relação entre os interagentes, mostra que, no circuito de colaboração constituído no jornalismo em redes digitais, não ocorrem iniciativas isoladas, mas sim ações coletivas que envolvem intervenções. Cada pessoa que contribui o faz para a alteridade, num sistema coletivo alimentado por organizações midiáticas e cidadãos. Nesta esfera existem os participantes, que podem apenas circular pelos meios sem intervir diretamente, e os colaboradores, que contribuem no circuito informativo.

Considerando-se tal raciocínio, busca-se identificar se a diferença no processo interativo

pode indicar a necessidade de um olhar distinto ao fenômeno na pesquisa. A diferenciação entre os termos participativo e colaborativo pode ser realizada a partir de uma análise mais detalhada sobre quais as ações que predominam no jornalismo participativo. Falando sobre as categorias hipertextuais formadas na interação mediada por computador, Primo tipifica o hipertexto de uma forma que pode ser relacionada ao jornalismo aberto à intervenção do público em redes digitais. Ele define três tipos de hipertexto: potencial, colagem e cooperativo. Suas características são apresentadas no Quadro 1.

Entende-se que o trabalho de edição coletiva realizado em páginas como Wikinotícias e Zero Hora.com evidencia processos baseados, respectivamente, nas formas de hipertexto cooperativo e colagem. A Figura 1 traz um exemplo de hipertexto colagem em Zero Hora.com⁶.

A Figura 1 mostra uma notícia publicada na seção Leitor-Repórter, de Zero Hora.com.

Pode-se relacionar a disposição dos conteúdos na tela como marca do hipertexto colagem. Ainda assim, questiona-se um aspecto importante da publicação: o parágrafo circulado, que mostra uma intervenção da redação de Zero Hora.com levemente negritada, revela que os jornalistas que editam o Leitor-Repórter investigam as informações enviadas pelos seus colaboradores. Eles fazem complementações nos textos do público, que podem partir de dados coletados com fontes oficiais ou do contato com os próprios interagentes responsáveis pelas matérias. Se tal prática realmente acontece, é possível que ocorram discussões durante o processo criativo, o que segundo Primo e Recuero (2003), não acontece no caso do hipertexto colagem.

Outro exemplo interessante de hipertexto colagem em ZeroHora.com⁷ são os contrapon-tos. Segundo Brentano⁸ (2009), os contrapon-tos são pronunciamentos de determinadas fontes,

Quadro 1. Tipos de hipertexto (Primo, 2003; Primo e Recuero, 2003).

Chart 1. Types of hypertext (Primo, 2003; Primo e Recuero, 2003).

Hipertextos	Características
Hipertexto potencial Primeiro nível	<ul style="list-style-type: none"> • “Caminhos e movimentos possíveis estão pré-definidos” (Primo, 2003, p. 9); • Não existe a possibilidade de o interagente colaborar com textos e imagens; • Produto digital original não sofre modificações. O leitor contempla os conteúdos e navega pelos caminhos pré-estabelecidos.
Hipertexto colagem Segundo nível	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de alteração de textos e imagens publicados anteriormente por outro interagente mediante cadastro; • Formatação no estilo “colagem”, ou seja, “constitui uma atividade de escrita coletiva, mas demanda mais um trabalho de administração e reunião das partes criadas em separado do que um processo de debate e invenção cooperada” (Primo, 2003, p. 55). • Baseado na escrita coletiva administrada e organizada por grupos específicos ou até mesmo por um indivíduo.
Hipertexto cooperativo Terceiro nível	<ul style="list-style-type: none"> • Criação coletiva que estabelece um debate contínuo, “que modifica o produto à medida que é desenvolvido” (Primo, 2003, p. 13); • “Evolução dos textos depende das decisões do grupo como um todo” (Primo, 2003, p. 15).

⁶ http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1§ion=capa_online.

⁷ O site Zero Hora.com é vinculado ao jornal impresso Zero Hora, que é produzido na cidade de Porto Alegre e circula em todo o Rio Grande do Sul.

⁸ Informação concedida por uma das jornalistas que atuam na equipe da seção colaborativa Leitor Repórter, Laura Brentano no dia 27/01/2009. Na ocasião, foi realizada uma visita à redação de Zero Hora.com, quando foi observado o trabalho da equipe responsável pelas atualizações da seção no jornal digital.



Figura 1. No Leitor-Repórter, em Zero Hora.com, a administração das colaborações realizada pela redação indica a formação do hipertexto colagem.

Figure 1. At Zero Hora.com in the Reader-Reporter section, editors administrate reader's contributions indicating the formation of hypertext collage.

normalmente respondendo a denúncias. A jornalista da equipe de ZeroHora.com confirma que estes complementos não são produzidos pela redação, ou seja, não partem da iniciativa da equipe do Leitor-Repórter, mas são apenas adaptados para o modelo da publicação.

Para que se entenda melhor como surgiram os contrapontos, é interessante verificar qual processo dá origem aos mesmos. Quando as notícias trazem abordagens polêmicas, a seção colaborativa estimula os leitores ao envio de novos materiais de uma forma diferente, colocando-se à disposição para o recebimento de respostas referentes à matéria. É o que mostra a Figura 2.

A Figura 2 mostra uma matéria publicada no dia 07/01/2009. A notícia aborda o descaso da administração pública com uma praça, na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. O quadro verde indica o link "Este canal coloca-se à disposição para a publicação de uma eventual resposta a esta denúncia". A mesma matéria ilustrada na última figura foi republicada, no dia 08/01/2009, com dois contrapontos.

A imagem a seguir mostra a mesma matéria, complementada duas vezes.

A Figura 3 mostra a mesma matéria ilustrada anteriormente, desta vez republicada. Ela tem dois complementos intitulados como

contrapontos, inseridos nos últimos parágrafos do texto. Ambos trazem informações fornecidas por fontes oficiais, no caso a Secretaria de Meio Ambiente e a Divisão de Iluminação Pública de Porto Alegre.

A busca da manifestação das fontes oficiais em relação a denúncias é uma prática comum no jornalismo convencional. Os jornalistas costumam investigar estas questões, recorrendo aos órgãos que podem responder por elas. O aspecto diferente dos contrapontos é a forma como fica estruturado o conteúdo da matéria. No caso que foi relatado anteriormente, o texto principal trouxe a denúncia de uma fonte independente, que foi complementada posteriormente com dois contrapontos de fontes oficiais. Os textos emitidos pelas fontes oficiais foram adaptados pelos jornalistas que administram o Leitor-Repórter. Percebe-se, neste ponto, a formação de uma escrita coletiva, isto é, um texto constituído a partir de um colaborador, de fontes oficiais e de jornalistas, no estilo colagem (Primo e Recuero, 2003).

O fato de a notícia ser republicada cada vez que novas respostas chegam à redação mostra que a interação mútua se dá entre os colaboradores. Forma-se uma discussão sobre o fato, administrada pelo meio jornalístico. As características destacadas até aqui permitem a

Cidade

Descaso com praça na zona norte de Porto Alegre

Graziela Mônaco

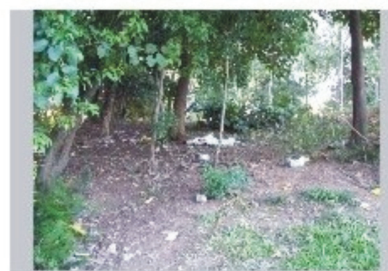
Uma das muitas praças do Parque São Sebastião, localizada ao lado do Strip Center da Assis Brasil na quadra das ruas Jeronymo Zelmanovitz, Eduardo Marruel Müller, Maria Montessori e Avenida Assis Brasil está abandonada pela prefeitura.

O lixo tomou conta da praça, além de ser usada como aterro para despacho de macumba (no ano novo haviam sete galos mortos em um "trabalho" e no meio do ano foi um cabrito), ainda há a escancarada prostituição de travestis durante a noite. Além disso, não são raras as vezes que ocorre tráfico de drogas no meio de suas imensas árvores e no mal iluminado espaço. Fora isso, existe a insegurança de passar pela praça, onde já ocorreram diversos assaltos.

Vários outros problemas podem ser citados, como a falta de capina, a poda das árvores, a análise dos eucaliptos que estão tomados com ervas de passarinho e correm o risco de cair até mesmo em cima das residências da Rua Maria Montessori (somente no temporal de abril de 2008 caíram três, ainda bem que somente dentro da praça) e a falta de iluminação.

É um absurdo os moradores das ruas próximas a este local pagarem aproximadamente R\$ 660 de IPTU (com desconto, agora está próximo dos R\$ 850) e terem que conviver com o descaso da prefeitura em relação aos problemas citados.

Este canal coloca-se à disposição para a publicação de uma eventual resposta a esta denúncia.



Local com acúmulo de lixo

» Mais lixo acumulado em outro local

Graziela Mônaco

Publicado em: 07/01/2009 às 09:31

Comentários (0) | Enviar para amigo(s) | Denunciar | Link



Figura 2. A notícia traz um convite para a publicação de respostas a “uma eventual denúncia” (Zero Hora.com, 2009a).

Figura 2. Zero Hora.com offers to publish replies to the original complaint (Zero Hora.com, 2009a).

inferência de que existe uma troca complexa entre jornalistas e colaboradores, que pode ser considerada um indício do Pro-Am.

A Figura 4 exemplifica uma situação em que se configura o hipertexto cooperativo, desta vez no Wikinotícias.

No caso do Wikinotícias⁹, ilustrado na Figura 4, a notícia permanece sendo reformulada e editada constantemente pelos colaboradores, que têm acesso ao seu código-fonte. A característica confirma a negociação e a evolução dos textos a partir de debates e decisões do coletivo.

⁹ http://pt.wikinews.org/wiki/P%C3%A1gina_principal

Cidade

Descaso com praça na zona norte de Porto Alegre


Graziela Mônaco

Uma das muitas praças do Parque São Sebastião, localizada ao lado do Strip Center da Assis Brasil, na quadra das ruas Jeronymo Zelmanovitz, Eduardo Marruel Müller, Maria Montessori e Avenida Assis Brasil, está abandonada pela prefeitura.

O lixo tomou conta da praça, além de ser usada como aterro para despacho de macumba (no Ano-Novo haviam sete galos mortos em um "trabalho" e no meio do ano foi um cabrito), ainda há a escancarada prostituição de travestis durante a noite. Além disso, não são raras as vezes que ocorre tráfico de drogas no meio de suas imensas árvores e no mal iluminado espaço. Fora isso, existe a insegurança de passar pela praça, onde já ocorreram diversos assaltos.

Vários outros problemas podem ser citados, como a falta de capina, a poda das árvores, a análise dos eucaliptos que estão tomados com ervas de passarinho e correm o risco de cair até mesmo em cima das residências da Rua Maria Montessori (somente no temporal de abril de 2008 caíram três, ainda bem que somente dentro da praça) e a falta de iluminação.

É um absurdo os moradores das ruas próximas a este local pagarem aproximadamente R\$ 660 de IPTU (com desconto, agora está próximo dos R\$ 850) e terem que conviver com o descaso da prefeitura em relação aos problemas citados.



Local com acúmulo de lixo

» Mais lixo acumulado em outro local

Contraponto:

O secretário do Meio Ambiente da Capital, Professor Garcia (PMDB), esclarece que a Praça Ernest Ludwig Hermann foi adotada pela 1ª Igreja Batista Brasileira de Porto Alegre e pela empresa Renner em agosto de 2006. Assim, a manutenção e limpeza do espaço passaram a ser responsabilidade das instituições, por meio do Termo de Cooperação firmado, que dá aos adotantes o direito de expor placa alusiva à parceria no local da praça.

Em contato com os adotantes, foi informado que os serviços estão em atraso devido a problemas nos equipamentos. O trator deverá estar consertado até sexta-feira, dia 9 de janeiro, e a limpeza será realizada no local.

Contraponto:

A Divisão de Iluminação Pública (DIP) da SMOV informa que o local é alvo de constantes atos de vandalismo e diversas intervenções já foram realizadas no local, reestabelecendo a iluminação. A última intervenção foi realizada no mês de dezembro.

Conforme vistoria realizada ontem (dia 07/01), as luminárias da praça estão em funcionamento normal, mas como o local é muito arborizado, a quantidade de árvores prejudica a iluminação. A DIP observa que onde existem brinquedos e quadra de esportes a iluminação está normalizada.

Graziela Mônaco

Publicado em: 08/01/2009 às 18:31

Comentários (0) | Enviar para amigo(s) | Denunciar | Link




Figura 3. A matéria acima foi complementada com dois contrapontos (Zero Hora.com, 2009b).
Figure 3. The report was supplemented with two opposite replies (Zero Hora.com, 2009b).

Verso e Reverso, vol. XXIV, n. 57, setembro-dezembro 2010



Figura 4. No Wikinotícias, o texto pode ser escrito por várias pessoas, permanecendo aberto a intervenções. Trata-se de um exemplo de hipertexto cooperativo.

Figure 4. On Wikinotícias, the text can be written by several people, open to new interventions. This is an example of cooperative hypertext.

Ambos os tipos de hipertexto evidenciam graus diferenciados de colaboração. Tendo em vista que cooperação implica o auxílio e o trabalho em comum, no jornalismo, então, ela pode ser definida como uma prática colaborativa. No momento em que o sistema cooperativo debate questões relacionadas às ações da grande mídia, criticando e criando canais alternativos para os leitores, também colabora no contexto geral do jornalismo. Träsel salienta que “as intervenções do público são capazes de adicionar diferentes perspectivas a determinado material jornalístico, tornando-o mais plural – embora não necessariamente melhor sob critérios profissionais”. Ele acrescenta que, partindo daí, o jornalismo colaborativo “pode contribuir para o debate de idéias em uma sociedade democrática” (Träsel, 2007, p. 76). O tipo de intervenção destacado pelo pesquisador desenvolve um movimento de pressão sob os meios dominantes que resulta, em muitos casos, numa mudança de abordagens, além da própria postura dos profissionais envolvidos. A transformação acontece a partir da potencialização da interação.

Observando-se os produtos do jornalismo participativo existentes em canais abertos pelas

mídias de referência e outros, dependentes da cooperação exclusiva dos interagentes, percebe-se a construção de processos interativos mútuos¹⁰. De acordo com Primo, nesse contexto:

Novas ações terão a possibilidade de redefinir o relacionamento, mas só podem ser criadas e ganhar sentido durante a interação. Isto é, não há como prever objetivamente e por antecipação qual será o resultado das trocas comunicativas – o relacionamento só é definido (e continuamente redefinido) no decorrer da própria interação. Como a interação mútua não conhece a causalidade linear – pois uma ação não conduz necessariamente a outra –, é apenas na interconexão global dos eventos em contexto que o relacionamento se transforma e evolui.

Enfim, os processos de interação mútua caracterizam-se por sua construção dinâmica, contínua e contextualizada. Tendo em vista que os sistemas desse tipo de interação se desenvolvem no tempo e em um certo contexto a partir da interconexão não-somativa dos interagentes, não se pode estudá-los de forma atomística e/ou psicologizante (focando-se nas intenções e causas individuais) (Primo, 2007, p. 116).

A análise do autor parte da “perspectiva sistêmico-relacional”, ou seja, aquela em que

¹⁰Primo (2006) define dois tipos de interação mediada por computador: mútua – recursiva, marcada pelo estabelecimento de uma relação entre interagentes, que constroem esse relacionamento – e reativa – caracterizada pela previsibilidade das respostas, pré-estabelecidas pelo pólo emissor.

“o sujeito deixa de ser a unidade de análise” (Primo, 2007, p. 102). As ações realizadas pelo todo são importantes, então, para o estudo de fenômenos como os do jornalismo colaborativo, que envolve troca, mais que uma participação subjetiva. Primo explica que “na interação construída relacionalmente não faz sentido observar uma ação como expressão individual ou como mensagem transmitida. A ação deve ser valorizada no contexto global do sistema”. O pesquisador ainda salienta que o aspecto relacional privilegia a “interconectividade entre os participantes”, isto é, privilegia a interação que se estabelece entre os envolvidos (Primo, 2007, p. 102). Neste trabalho optou-se pela expressão jornalismo colaborativo com base na característica do trabalho em comum, realizado *entre* os interagentes, nos sistemas colaborativos.

A opção pelo termo deve-se à compreensão de que se formam, nos espaços colaborativos, esquemas interativos que configuram, de maneiras distintas, uma construção coletiva, que privilegia a colaboração entre os interagentes. Trata-se de um estilo que implica intervenção, mais que uma participação subjetiva e reativa no jornalismo digital. Nesse sentido, identifica-se a consolidação de aspectos da interação mútua, “caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente”. Considera-se a colaboração inerente à interação mútua. Já a interação reativa, segundo Primo, é “limitada por relações determinísticas de estímulo e resposta” (2007, p. 57). A participação é vista como uma ação mais geral, que pode passar, também, por interações reativas.

Jornalismo colaborativo em redes digitais

Outro ponto que pode modificar as perspectivas de análise dos sistemas colaborativos no jornalismo é o aparato tecnológico utilizado para a realização do trabalho que liga profissionais e amadores. Seguindo as ideias de Barbosa (2007) e de Silva (2008), acredita-se que a inclusão de tecnologias móveis de comunicação (TMC) na ação coletiva dá sinais de que não se trata mais, apenas, de um modelo jornalístico possibilitado somente pelos recursos da *web*. Falamos de *jor-*

nalismo colaborativo em redes digitais, modalidade que integra um processo mais amplo, utilizando desde bases de dados até equipamentos móveis conectados ao ciberespaço.

Lemos lembra que, “com o desenvolvimento da computação móvel, o que está em marcha é a fase da computação ubíqua, a era dos computadores coletivos móveis (CCM)” (2005, p. 10). Assim, o jornalismo beneficiado por possibilidades da *web* como interatividade, customização ou personalização, hipertextualidade, multimídia ou convergência, memória e instantaneidade ou atualização contínua (Palacios, 2003) (Mielniczuk, 2003) é potencializado com a inclusão dos CCM nos processos produtivos. Segundo Gillmor:

Nos últimos 150 anos, dispusemos essencialmente de dois meios de comunicação: de um para muitos (livros, jornais, rádio e televisão) e de um para um (cartas, telégrafo e telefone). [...] No fundo, as tecnologias da informação do futuro estão a estimular qualquer coisa emergente – um diálogo em que os indivíduos são absolutamente essenciais (Gillmor, 2005, p. 42-43).

Sendo assim, a interação é complexificada, bem como a maneira como as informações são publicadas na ambiência digital. Assim, os benefícios da *web* 2.0 (O’Reilly, 2005), que conforme Primo (2006, p. 2) “têm repercussões sociais importantes, que potencializam processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações”, recebem reforços de tecnologias digitais diversas. Não existe mais a dependência de um computador pessoal para que os dados sejam transmitidos ao ciberespaço. Basta ter equipamentos portáteis conectados para realizar os ideais do movimento conhecido como *smart mobs*, (Lemos e Novas, 2005) multidão inteligente que utiliza os recursos das redes para realizar ações em parceria.

O jornalismo colaborativo em redes digitais é potencializado a partir das possibilidades abertas no ciberespaço. Os CCM representam, nesse sentido, a renovação das possibilidades de ação para a constituição dos produtos jornalísticos. A partir do momento em que o cidadão pode fotografar ou filmar um evento de seu telefone móvel e imediatamente publicar tais materiais no seu *blog*¹¹, ou enviá-los por

¹¹ Lemos e Novas (2005, p. 9) referem-se a essa prática como “moblogging”, ou seja, “o uso de tecnologias móveis para postar em sites da Internet sem dificuldade e com bastante agilidade”. Para os autores, “os blogs têm sido ferramentas fundamentais na ‘era da conexão’, principalmente agora quando incorporam tecnologias de mobilidade, permitindo a postagem imediata de mensagens através de palm, celulares e obviamente laptops”.

e-mail, atende aos princípios da chamada “era da conexão” (Lemos e Novas, 2005). Nesse sentido, consolida-se a possibilidade cogitada por Lévy (2000) da “telememória” compartilhada. “Torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam *comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória* na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica” (Lévy, 2000, p. 94). No início do século XXI, a ubiquidade já direcionava o olhar do pesquisador. Na atualidade, ela começa a transformar efetivamente os sistemas jornalísticos já consolidados no meio digital, que entram numa nova fase de desenvolvimento, ligados às redes digitais do território informacional.

Considerações finais

Todos os pontos observados até aqui indicam que o jornalismo colaborativo em redes digitais é uma modalidade comunicativa que possui peculiaridades marcadas pelo seu formato e pela complexidade das trocas que possibilita entre jornalistas e amadores. A colaboração é efetivamente um dos aspectos que diferenciam os seus sistemas no ciberespaço. Igualmente, outra característica que o distingue é a produção ubíqua, que ocorre a partir da ampla utilização dos computadores coletivos móveis (Lemos, 2007) em ambientes de conexão sem fio.

No caso de ZeroHora.com, anteriormente descrito, percebeu-se a diversificação das opções de interação com os colaboradores na seção Leitor-Repórter. Tal constatação se justifica com base no fato de que as colaborações complementadas não recebem intervenções apenas da redação, mas também de outras fontes interessadas. A escrita coletiva identificada nos hipertextos colagem (Primo e Recuero, 2003) observados pode ser uma consequência do processo de trocas estabelecido na seção Leitor Repórter. Acredita-se que tal resultado se torna possível a partir da disposição dos internautas e dos profissionais da informação para o envolvimento em processos de colaboração.

Com relação ao Wikinotícias, destaca-se a mobilização coletiva possibilitada pela construção do hipertexto cooperativo, identificado na página. Neste caso, o intercâmbio de conteúdos acontece entre os próprios interagentes, a partir de um sistema organizado e gerido pelo público amador.

A possibilidade do movimento Pro-Am é um aspecto que diferencia o jornalismo cola-

borativo em redes digitais. O fenômeno pode apontar para uma mudança interessante no pensar o fazer jornalístico, a partir das trocas entre jornalistas e amadores nas seções colaborativas e na absorção dos conteúdos publicados nas páginas colaborativas.

Referências

- ANDERSON, C. 2006. *A Cauda Longa: do mercado de massa para o mercado de nicho*. Rio de Janeiro, Elsevier, 256 p.
- BARBOSA, S. 2007. *Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) - Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos*. Salvador, BA. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 331 p.
- BELOCHIO, V. 2009. *Jornalismo Colaborativo em Redes Digitais: Estratégia Comunicacional no Ciberespaço. O caso de Zero Hora.com*. Santa Maria, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 213 p.
- BERGER, C.L. 1996. *Campos em confronto: jornalismo e movimentos sociais. As relações entre o movimento sem terra e a Zero Hora*. São Paulo, SP. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP).
- BRAMBILLA, A. 2006. *Jornalismo Open Source: discussão e experimentação do OhmyNews International*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 248 p.
- GILLMOR, D. 2005. *Nós, os media*. Lisboa, Presença.
- LEMO, A. 2007. *Mídia Locativa e Territórios Informacionais*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – COMPÔS, XVI, Curitiba, 2007. *Anais...* Curitiba.
- LEMO, A.; NOVAS, L. 2005. *Cibercultura e Tsunamis: Tecnologias de Comunicação Móvel, Blogs e Mobilização Social*. Pesquisa Ciberidades, apoio do CNPq/MEC. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/tsunamis.pdf>. Acesso em: 15/03/2008.
- LÉVY, P. 2000. *Cibercultura*. São Paulo, Ed. 34, 260 p.
- MIELNICZUK, L. 2003. *Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual*. Salvador, BA. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia (UFBA), 242 p.
- PALACIOS, M. 2003. *Jornalismo online, informação e memória: apontamentos para debate*. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2002_palacios_informacaomemoria.pdf. Acesso em: 12/04/2007.
- PRIMO, A. 2007. *Interação Mediada por Computador: comunicação, cibercultura, cognição*. Porto Alegre, Sulina, 240 p.
- PRIMO, A.; RECUERO, R. 2003. *Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos blogs e da Wikipédia*. *Revista Famecos*, 22(2):54-63.
- PRIMO, A.; TRÄSEL, M. 2006. *Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. Contra-campo (UFF)*, 14(2):37-56.

- O'REILLY, T. 2005. What is Web 2.0 – Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. O'Reilly Publishing.
- TRÄSEL, M. 2007. *A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin*. Porto Alegre, RS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 271 p.
- ZERO HORA.COM. 2009a. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/home.jsp?localizador=Zero+Hora/Zero+Hora/LeitorReporter&secao=lista§ion=LeitorRep%F3rter>. Acesso em: 07/01/2009.
- ZERO HORA.COM. 2009b. Disponível em: <http://www.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/home.jsp>. Acesso em: 08/01/2009.
- Submetido em: 15/06/2010
- Aceito em: 07/11/2010